



A representação da identidade feminina em *Maréia*, de Miriam Alves

The representation of female identity in *Maréia*, by Miriam Alves

Jéssica Fraga da Costa¹

Resumo: Tradicionalmente, as mulheres foram consideradas, nas mais variadas esferas, como inferiores ao sexo masculino. Em virtude do patriarcalismo, a mulher foi silenciada, excluída e vitimada por preconceitos e estereótipos ao longo da história. Ao se tratar da mulher negra, a situação é ainda mais complicada. À mulher branca cabia o silenciamento e subjugar-se ao homem, já o espaço reservado à mulher negra era mais inferiorizado. Com base nesta perspectiva, o romance *Maréia*, de Miriam Alves, suscita um novo olhar sobre a mulher e sobre a sua representação na literatura. A autora descortina e reescreve nosso passado, mesclado ao presente e desenha percursos femininos muito diferentes daqueles pré-estabelecidos. Com isso, pretende-se destacar as personagens femininas do romance e analisá-las. Para isso serão utilizados textos de autoras da crítica feminista tais como Maria Amélia de Almeida Teles e Vania Vasconcelos, dentre outras.

Palavras-chave: Literatura contemporânea brasileira; *Maréia*; mulher; identidade feminina; feminismo.

Abstract: Traditionally, women were considered in the most varied spheres, as inferior to the male sex. Due to patriarchy, women have been silenced, excluded and victimized by prejudices and stereotypes throughout history. In the case of black women, the situation is even more complicated. The white woman was in charge of silencing and subjugating herself to the man, whereas the space reserved for the black woman was much more inferior. Based on this perspective, the novel *Maréia*, by Miriam Alves raises a new perspective on women and their representation in literature. The author unveils and rewrites our past, mixed with the present and draws female paths very different from those pre-established. With this, it is intended to highlight the female characters of the novel and analyze them. For this, texts by authors of feminist criticism will be used, such as Maria Amélia de Almeida Teles, Vania Vasconcelos, among others.

Keywords: Contemporary Brazilian literature; *Maréia*; woman; female identity; feminism.

Armada de guerra...
refeita a garganta doída...
gritei pra mim:

“- Vou à luta!!!
Vou lutar!!!
Defendo um ideal...
Real verdadeiro.”
saí
empunhando espada
legada d’um passado
na luta da reação.
Miriam Alves, *Momentos de busca*

1 Um olhar feminino, outros caminhos

¹ Doutoranda em Letras na UFRGS; Mestre em Letras pela mesma universidade.



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

Vol. 16, n. 2 -2020

Dossiê Literatura e Gênero

Com base no movimento feminista dos anos sessenta, a escrita feminina passou a buscar espaço e visibilidade através de narrativas que retratassem a visão e as experiências femininas. Com a propagação dessas ideias e dos estudos de gênero, a partir da década de 1980, as escritoras latino-americanas iniciaram um processo não só de relatar os acontecimentos sob sua ótica, mas, também, de relacioná-los à história de lutas que marcaram os povos, focalizando características identitárias comuns e individuais das mulheres, além de buscar a construção de uma identidade própria. Desde então, a literatura escrita por mulheres vem ganhando cada vez mais espaço, tanto com relação à autoria quanto em relação à representação. Mesmo que tradicionalmente a mulher tenha sido excluída e distanciada dos espaços criativos, artes, literatura e ensino, o movimento de escritoras que procuraram subverter essa norma é intenso. A revisão do cânone literário debate e revê as diretrizes de uma sociedade patriarcalista que impôs o silêncio às mulheres que ousaram escrever. O caminho percorrido em busca de espaços mais amplos para expressão de ideias e experiências diferenciadas, presentes em relatos femininos, possibilitou a quebra desse paradigma, uma vez que permite à mulher a apropriação da escrita e da história individual ou coletiva sob diferentes olhares, mostrando múltiplas interpretações e abundantes vivências.

Uma das grandes tendências da literatura contemporânea brasileira segundo Beatriz Rezende (2008, p. 17) é a reescrita de nossa história, principalmente, pelos olhos daqueles que foram silenciados. Este é o caso do romance *Maréia*, publicado em 2019, pela escritora paulista, Miriam Alves. Ela revisita os textos do passado, com seu olhar contemporâneo, olhar de quem necessita recuperar esse passado mal contado, para poder recontar o presente de maneira mais fiel.

Alves é uma escritora que marca a sua voz de forma muito particular no cenário literário brasileiro. Ela fala sobre o passado e o presente de forma contundente. Denuncia, combate, esclarece. Explora as suas raízes e a sua ancestralidade pautada na sua identidade afrodescendente que nutre e se orgulha. Nasceu em 1952 em São Paulo. Além de escritora, é assistente social e professora. Sua relação com a escrita é de longa



data, seus primeiros textos foram escritos quando ela tinha apenas onze anos. No ano de 1980 integrou-se ao coletivo Quilombhoje Literatura, grupo responsável pela organização e produção dos *Cadernos Negros*. O primeiro livro da autora foi publicado em 1983, *Momento de busca*, uma coletânea de poemas repleta de denúncia da opressão de um passado que permanece até os tempos atuais. Trata-se de escritos das mais variadas épocas da vida da autora, desde a sua infância, amadurecidos pela sua militância e em diálogo com a tradição da literatura negra.

No ano de 1985, publicou *Estrelas no dedo*, seu segundo livro de poemas, tão militante e combativo quanto o anterior. Em 2011, inaugurou a prosa, com o lançamento de *Mulher mat(r)iz*, composto por contos inéditos e outros já publicados anteriormente nos *Cadernos Negros*. Quatro anos depois, foi a vez de inaugurar a sua literatura no mundo romanescos, com a publicação de *Bará na trilha do vento*. Finalmente, em 2019, a autora publica *Maréia*, romance a ser analisada no presente texto.

Na narrativa, faz-se presente o paralelismo de dois mundos distintos, de um lado, a tradicional e entristecida família dos Menezes de Albuquerque, de outro, a ancestral e feliz família Santos. Ambos destinos se cruzam, mesmo com todas as diferenças e as marcas da brutal experiência colonial. Passado e presente se entrelaçam e as cicatrizes provocadas pela violência permanecem. Cada uma das famílias guarda e mantém suas próprias tradições provenientes dos antepassados. Porém, dentre as muitas peculiaridades de ambos grupos, um aspecto relevante e discrepante diz respeito às mulheres e ao lugar que ocupam no seio da sociedade. Enquanto de um lado há o rebaixamento e as humilhações, de outro, há a liberdade e a emancipação. Neste trabalho, utilizando-se dos estudos de gênero, serão analisadas a identidade feminina e a representação das mulheres a partir das personagens da narrativa *Maréia*, procurando identificar as diferenças sublinhadas entre as mais variadas situações e ocupações das mulheres, fundado no próprio olhar crítico feminino.

2 As mulheres da família Menezes de Albuquerque: caminhos pré-determinados



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

Vol. 16, n. 2 -2020

Dossiê Literatura e Gênero

Em boa parte do século XX, discutiu-se a existência ou não de uma escrita feminina. As escritoras, além de lutarem por seu direito à escrita, necessitaram entender qual seria o lugar que ocupariam dentro da lógica do cânone. Ao mesmo tempo, foram obrigadas a se colocar, ainda que a contragosto de muitos, no mesmo pé de igualdade dos autores homens. Pelo simples fato de ser “o outro sexo”, parafraseando Simone de Beauvoir, elas carregam o rótulo de escreverem “literatura feminina” para contrapor ao que é tido como “literatura”, por não haver esta dúvida quando se trata de um escrito de autoria masculina.

De acordo com Regina Dalcastagnè (2010, p. 40), as mulheres que escrevem a literatura contemporânea brasileira “ao mesmo tempo em que se vão fazendo escritoras[...] continuam sendo, também, objetos da representação literária, tanto de autores homens, quanto de outras mulheres”. A pesquisadora acrescenta que essas representações são das mais variadas maneiras de se compreender a situação feminina na atualidade, “incorporando pretensões de realismo e fantasias, desejos e temores, ativismo e preconceito” (DALCASTAGNÈ, 2010, p. 40). Além disso, ao se tratar da mulher, trata-se sempre de uma condição plural, uma vez que o feminino não é constituído de apenas uma unidade, mas de algo múltiplo.

Maréia é um romance que fala sobre as mais variadas faces do feminino. Além de ter sido escrito por uma mulher, que reconstitui o passado e descortina aquilo que foi omitido ou idealizado pela historiografia, apresenta aos leitores possibilidades diferentes de identificação e de representação da mulher, desde as personagens principais até as secundárias. Os papéis de destaque, o lado que progride também está atrelado às mulheres. Por outro lado, as personagens masculinas brancas pertencentes à narrativa são sinônimo de crueldade, de ambição e de objetificação da mulher.

No primeiro capítulo do romance, intitulado “Herdeiro”, é apresentada a tradicional família “Menezes de Albuquerque”, representada pela figura de um patriarca, Afonso, que procura de maneira autoritária, impor ao neto, que dê seguimento ao legado familiar, que despontava desde a Idade Média. Contraposto a esse discurso de



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

Vol. 16, n. 2 -2020

Dossiê Literatura e Gênero

idolstrar e valorizar os antepassados, há a “verdadeira história” por trás da narrativa criada para justificar a grande fortuna adquirida. Além de o primeiro membro do clã familiar ser um ladrão fugitivo e asqueroso, a relação estabelecida entre ele e a sua esposa desde o início fora de violência e opressão, o que permanecerá, como outra das tradições dos Menezes de Albuquerque. Depois de estabelecido economicamente, Antônio desejava tornar-se reconhecido socialmente, para elevar seu status; mas faltava-lhe uma mulher, “precisava de uma esposa para se transformar em patriarca respeitado; não pestanejou, tratou de importar uma mulher branca, portuguesa legítima.” (ALVES, 2019, p. 19). Na passagem fica evidente o objetivo da personagem em constituir uma família, para que pudesse ser visto na colônia como alguém importante; para que fosse respeitado pelos demais homens, precisava de uma esposa, precisava de filhos para perpetuar a sua existência. Cabe remarcar o uso do verbo “importar” utilizado para sinalizar o valor de mercadoria atribuído à futura noiva de Antônio: fica explícita a objetificação da mulher que, como os produtos que ele comprava de outras nações, seria selecionada, de acordo com seus critérios “branca e portuguesa”.

Em *Breve história do feminismo no Brasil e outros ensaios*, Maria Amélia de Almeida Teles, ao tratar sobre a condição da mulher branca no período colonial, afirma que era uma atitude comum dos viajantes estabelecidos no Novo Mundo, buscarem companheiras para procriação, e estas deveriam vir de Portugal ou os filhos não seriam reconhecidos como legítimos. Os acordos todos eram tidos entre o pai da moça e o futuro esposo, que mediante um alto dote comercializavam as filhas nas condições apropriadas para o negócio.

A sociedade formada na época do Brasil Colônia fora organizada sob o patriarcalismo, “uma sociedade onde o poder, as decisões e os privilégios estavam sempre nas mãos dos homens” (TELES, 2017, p. 29). Nesta perspectiva, a primeira mulher pertencente à família Maria Francisca Fernandes fora arrancada do seio familiar e vendida para as terras do além mar pelo progenitor: “não teve escolha, o pai a obrigara, ele havia recebido, nas negociações do casamento, o dote mais o custeio da



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

Vol. 16, n. 2 -2020

Dossiê Literatura e Gênero

longa viagem; em troca, garantiu que a filha era virgem e boa parideira” (ALVES, 2019, p.19). Em breve Maria cumpriria o papel imposto pela sociedade: nem mal chegara e já fora violentada por seu “dono”. Antônio estuprou-a enquanto dormia com brutalidade, “como quem abate uma presa.” (ALVES, 2019, p.19). Era necessário dar encaminhamento aos planos de se tornar um patriarca, as crianças precisavam nascer o quanto antes, para o macho da casa ser reconhecido como tal. Maria, à base de muitas pancadas no rosto e de ataques noturnos, teve cinco filhos; estava iniciado o clã dos Menezes de Albuquerque.

Outra personagem feminina pertencente a mesma família é Guilhermina. Mesmo com uma lacuna temporal de diferença de sua antecessora, Maria, sua vida, suas possibilidades e impossibilidades não seriam tão diferentes, pois, mesmo com o escoar do tempo, os preceitos patriarcalistas ao qual estava inserida mantiveram-se iguais. A personagem desde a infância fora criada para ser obediente e servir aos homens de sua família. Estudou em um internato de freiras e fora educada sobre “cuidados com os filhos, ordem disciplina, limpeza higiene e os fatores primordiais necessários para manter uma casa primorosa assegurar um casamento feliz e duradouro” (ALVES, 2019, p.16).

Mesmo que pertencesse a uma classe mais abastada, a personagem não teve qualquer preocupação consigo, ela apenas aceitou, “nunca questionou o seu papel no mundo” (ALVES, 2019, p.17), como se a condição de esposa e depois de mãe fosse inerente à mulher. Novamente a ideia de casamento, no que diz respeito às tradições dos Menezes de Albuquerque, aparece como algo relacionado aos negócios. Com o casamento de Guilhermina e de João Francisco, “fortificavam-se os laços seculares, garantia-se a manutenção, ampliação de fortuna e do poder entre os clãs que dominavam as relações econômicas e sociais, desde o tempo do Império” (ALVES, 2019, p. 17). Para que a fortuna das famílias estivesse garantida, a união por meio do casamento era a maneira mais segura e asseverada. A personagem cumpriu aquilo que lhe foi determinado, seguiu a todos os preceitos da educação recebida, “transformou-se em



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

Vol. 16, n. 2 -2020

Dossiê Literatura e Gênero

uma esposa dócil, mãe cuidadosa, zelosa, primorosa, senhora do lar.” (ALVES, 2019, p. 17).

Porém, algo no meio do caminho acabou não funcionando muito bem. Perdeu o marido, de maneira aparentemente sem causa, logo depois perdeu o filho mais velho e, por fim, a filha mais nova, Dorinha, perda irreparável, que afetaria desse instante em diante a existência de Guilhermina: “Não soube ser mãe, fui criada para isso. Não soube ser mãe” (ALVES, 2019, p. 39), e este seria o bordão repetido até o fim de seus dias. Com a perda dos filhos e do marido, mesmo que ainda restasse Alfredo, o filho do meio, a sua posição como mãe e esposa não era mais reconhecida. Não possuindo mais o papel para o qual fora criada, enlouqueceu. Passava os dias chamando pela filha, chorava, descontrolava-se, batia no peito, autoflagelando-se constantemente, como se a culpa pela morte da criança fosse sua. O patriarca da família, Dom Afonso, jogava a culpa de todos os males sobre a nora: “culpava-a por não ser boa parideira, não aumentou a sua prole e ainda por cima deu à luz um fracote” (ALVES, 2019, p. 39), referindo-se ao neto que restara. Afonso mandara construir do lado de fora da mansão um cômodo, onde Guilhermina ficara enclausurada.

Como a personagem não dera conta de suas obrigações femininas e não possuía mais condições de viver em sociedade, não poderia ser mostrada às visitas, pois isso desmoralizaria a boa fama da família. Note-se que a personagem não vivencia a maternidade de acordo com os valores patriarcais, uma vez que, conforme Vânia Vasconcelos (2015), dentro da lógica patriarcal a mulher deveria se sacrificar em nome dos filhos e reger por seu bem e por sua vida. Badinter (1985, apud VASCONCELOS, 2015) acrescenta que, a partir do final do século XVIII, ocorreu uma espécie de exaltação do amor materno, como forma de doutrinação das mulheres. Com isso, as mães passaram a ser responsabilizadas por tudo o que ocorria com sua prole. Isso explicaria os motivos pelos quais Guilhermina sentia-se tão culpada pela perda de Dorinha; conseqüentemente, o sogro, na figura do patriarca da família, também



depositava essa culpa sobre ela, mesmo que a morte do marido e dos filhos tenham sido azar do destino.

Entregue à absoluta solidão, Guilhermina passou seus dias isolada, chorando pela perda da filha. Em acesso de fúria, totalmente fora de si, matou a governanta da casa, em seguida, na tentativa de fugir da sua prisão, entalou-se nas grades de proteção, fazendo um corte mortal no pescoço, encerrando, assim, de maneira trágica a sua vida de amarguras.

2.1 O empoderamento da mulher negra, o legado de Maréia

Conforme afirma Maria Consuelo Cunha Campos, a representação da mulher negra na literatura brasileira resultou de uma série de estereótipos, além de ter sido em boa parte escrita e consagrada pelo olhar masculino, o que contribuiu para a fixação desses rótulos:

Em contrapartida, estereótipos literários como os da donzela casadoura branca, da mulata sensual e fogosa, da negra abnegada, submissa, máquina de trabalhar, corresponderam, respectivamente, à procriação, à questão patrimonial, familiar e sucessória e à exploração da mão-de-obra, numa sociedade patriarcal, sexista e racista e na qual a literatura frequentemente reforçou os lugares sociais assinalados ao gênero feminino e às chamadas raças. (CAMPOS, 2007, p. 2)

Liliane Nogueira Monteiro (2016, s/n) destaca que as obras de autoria masculina, majoritariamente, exploram características relacionadas ao corpo da mulher negra como a sedução, a beleza, a resistência física, e não levam em consideração aspectos emocionais ou intelectuais: “nunca é mencionado o que ela pensa, ou o que deseja” (MONTEIRO, 2016, s/n). Conceição Evaristo (2011, p.131), acrescenta que, nestas narrativas, a mulher negra não aparece como musa ou heroína e suas representações são sempre muito ligadas as imagens do passado escravocrata:

Talvez, o modo como a ficção revele, com mais intensidade, o desejo da sociedade brasileira de apagar ou ignorar a forte presença dos povos africanos e seus descendentes na formação nacional se dê nas formas de representação da mulher negra no interior do discurso literário. A ficção ainda se ancora nas imagens de um passado escravo, em que a mulher negra era considerada só como um corpo que cumpria funções de força de trabalho,



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

Vol. 16, n. 2 -2020

Dossiê Literatura e Gênero

um corpo-procriação de novos corpos para serem escravizados e/ou um corpo-objeto de prazer do macho senhor. (EVARISTO, 2011, p. 134)

Para Campos (2007, p. 2), o grande divisor de águas, na literatura brasileira, no que diz respeito à representação da mulher negra, foi a publicação de *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus, uma vez que Maria Firmina dos Reis e Auta de Souza tiveram suas obras não apenas silenciadas, mas praticamente apagadas das letras nacionais, e isso “fez com que a representação não- hegemônica da mulher construída na obra destas escritoras ficasse de fora das histórias da nossa literatura” (CAMPOS, 2007, p. 3). Na sequência, a estudiosa aponta nomes importantes, que contribuíram para a desconstrução dos estereótipos e construção de uma literatura afrodescendente em que a representação da mulher fosse constituída sem os preconceitos do passado. Cita os escritos de Conceição Evaristo, *Ponciá Vicêncio* e *Becos da memória*, *A cor da ternura*, de Geni Guimarães, e *Um defeito de cor*, de Ana Maria Gonçalves. Sobre a escrita das mulheres negras, Miriam Alves destaca:

É de um lugar de alteridade que desponta a escrita da mulher negra. Uma voz que se assume. Interrogando, se interroga. Cobrando, se cobra. Indignada, se indigna. Inscrevendo-se para existir e dar significado à existência, e neste ato se opõe. A partir de sua posição de raça e classe, apropria-se de um veículo que pela história social de opressão não lhe seria próprio, e o faz por meio do seu olhar e fala desnudando os conflitos da sociedade brasileira (ALVES, 2010, p. 185).

A esta lista de obras que contribuíram para desmistificar os estereótipos com relação à mulher negra, cabe acrescentar o romance de Miriam Alves, *Maréia*. Dentro desta narrativa contemporânea, a protagonista, que leva o nome do livro, é construída de forma totalmente oposta ao que foi postulado pelo olhar masculino ao longo da história da literatura brasileira. Compreende-se que a família da personagem se identifica com suas raízes africanas, mas em momento algum, esse passado escravagista aparece como mote principal da história. A cultura dos orixás, as crenças e os costumes imperam de maneira significativa. Esse diálogo constante com a tradição aparece em inúmeros momentos do romance, principalmente através da personagem vó Déia, que contava à



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

Vol. 16, n. 2 -2020

Dossiê Literatura e Gênero

neta muitas histórias com detalhes sobre sua ascendência, “para que a memória não esmaecesse na bruma branca do esquecimento.” (ALVES, 2019, p. 27). Contava sobre os povos de que descendiam, com grande orgulho, o que era levado adiante por Maréia, que “ agradecia por ser herdeira de seus antepassados, reavivar a exortava a nunca desistir de seus intentos, ficava leve, disposta, fortalecida, pronta para enfrentar desafios” (ALVES, 2019, p. 27). Os antepassados eram para a protagonista incentivo e inspiração, ela orgulhava-se daqueles que vieram antes de si e fazia questão de dar sequência a seu legado.

O nome de Maréia baseou-se nos elementos constituidores de sua família: uma palavra criada a partir da junção dos termos “mar e areia”. O “mar” representava a descendência do avô e do pai, que eram marinheiros e construíram suas vidas no mar. A “areia”, a força e a resistência das mulheres, uma homenagem à vó e mãe da protagonista. Dessa mistura do sólido e do líquido foi feita a criação desta personagem. Ela pertencia a uma família de mulheres que denominava “mulheres de sua vida”, uma família unida e feliz, em que as figuras femininas desempenharam um papel fundamental.

A protagonista era descrita como uma mulher solteira, independente e muito bem-sucedida. Ela representa o ideal de liberdade, o que de acordo com a visão patriarcalista não se enquadra no paradigma feminino, pois o papel atribuído a ela seria o de cuidar do lar, ter filhos e um marido a quem deveria respeitar, o que não acontece em momento algum no livro. Além disso, contrariando o cânone literário brasileiro, em momentos distintos da narrativa há a exaltação da inteligência e da garra da personagem, que seguiu seus sonhos e construiu a sua estabilidade baseada em sua arte.

Maréia fez da música o seu projeto de vida, sentia necessidade de aprimoramento, para somar a seu já possuído talento, algo herdado de família, de seus antepassados. Graduou-se na Faculdade de Música, ousadamente, abriu uma escola que nomeou de “Conservatório Musical Clave de Sol”, desejava ensinar aos outros a sua paixão pelos sons. Aperfeiçoou-se na pós-graduação em História da Música Brasileira.



Seus instrumentos de trabalho, a flauta e o violoncelo. Mesmo tendo escutado que aquilo não servia para ela, fechou seus ouvidos às críticas, seguiu seus instintos. Sua grande inspiração centrou-se em seu parente remoto, o grande músico padre José Maurício. O músico a inspirava com sua trajetória, a vida da personagem que, assim como ela, lutou contra o preconceito racial e fez da música o seu ofício, mesmo que para isso fosse necessário se opor à maneira de pensar das pessoas preconceituosas, com quem convivia. Maréia escutava frequentemente que aquele tipo de música e de instrumentos não deveria ser utilizados por ela, recebia julgamentos e negativas: “Alguém, como ela, se meter com música clássica erudita. Como pode?” (ALVES, 2019, p. 31). A família da protagonista jamais foi contra suas escolhas. Além disso, seus membros mostravam-se todos muito orgulhosos de que ela seguisse trabalhando com aquilo que tanto representava os seus antepassados, a música.

3. Palavras finais

Na narrativa analisada, percebeu-se o fundamental lugar ocupado pela mulher. Observou-se a grande inversão de papéis feita por Miriam Alves com relação à mulher branca e à mulher negra. As mulheres da família branca representadas na figura de Maria e de Guilhermina, foram criadas em um sistema patriarcal fechado, opressor e abusivo. Ambas personagens foram obrigadas a seguir aquilo que já estava pré-determinado. Em momento algum puderam escolher o que desejavam, ou o que não queriam para seus dias. Foram reificadas pelos homens da família com um propósito definido de gerar filhos. Em contrapartida, as mulheres negras da família Santos escaparam desse destino. Viviam em harmonia, eram autônomas, empoderadas e felizes. A escritora, de forma magistral, extinguiu de seu texto os estereótipos construídos ao longo de anos através dos escritos machistas da literatura canônica brasileira, que colocavam a mulher negra como sinônimo de sexualidade e depravação. As mulheres da família Santos foram todas descritas como muito felizes com suas vidas. Nos encontros com Maréia, todas tocavam instrumentos e cantavam juntas, o que era uma tradição, além das histórias da vó Déia sobre seus antepassados. Tudo acontecia em clima de



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

Vol. 16, n. 2 -2020

Dossiê Literatura e Gênero

conexão com suas crenças, e de apoio e cumplicidade mútua. Incentivavam o progresso de Maréia e em momento algum existiu qualquer cobrança pelo fato de ela ser solteira e de viver em função de sua arte. O foco da personagem era a sua carreira e seu progresso, e ela foi bem sucedida naquilo que buscou.

Referências

ALVES, Miriam. *Momentos de busca*. São Paulo: Edição da Autora, 1983.

_____. *Maréia*. Rio de Janeiro: Malê, 2019.

CAMPOS, Maria Consuelo. *Representações da mulher negra na literatura brasileira*. Anais do XII Seminário Nacional Mulher e Literatura III Seminário Internacional Mulher e Literatura. Ilhéus: UESC, 2007. CD-ROM. (disponível em: <http://www.uesc.br/seminariomulher/anais/PDF/Mesas/Maria%20Consuelo%20Cunha%20Campos.pdf>).

DALCASTAGNE, Regina. LEAL, Virgínia Maria Vasconcelos. (org). *Deslocamento de gênero na narrativa brasileira contemporânea*. São Paulo: Editora Horizonte, 2010.

EVARISTO, Conceição. *Literatura negra: uma poética de nossa afrobrasilidade*. In: SILVA, Denise Almeida; EVARISTO, Conceição (Org.). *Literatura, história, etnicidade e educação: estudos nos contextos afrobrasileiro, africano e da diáspora africana*. Frederico Westphalen: URI, 2011.

MONTEIRO, Liliane Nogueira. *A representação da mulher negra na literatura brasileira*. Amazonas: Universidade Federal do Amazonas, 2016. Disponível em: <https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:ZlivDHAiLhsJ:https://periodicos.ufac.br/index.php/simposiufac/article/view/1010+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>.

RESENDE, Beatriz. *Contemporâneos: Expressões da literatura brasileira no século XXI*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2008.

TELES, Maria Amélia de Almeida. *Breve história do feminismo no Brasil e outros ensaios*. São Paulo: Editora Alameda, 2017.

VASCONCELOS, Vania. *No colo das IABÁS: maternidade, raça e gênero em escritoras afro-brasileiras*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2015.